



Recebido em 03/04/2025
Aceito em 12/05/2025
DOI: 10.26512/emtempos.v24i46.57793

ARTIGO

A prostituição e o escândalo político como formas construtoras da identidade homossexual masculina weimariana: uma análise a partir da obra de Christopher Isherwood (1939-1976)

Prostitution and Political Scandal as Constructive Forms of Male Homosexual Weimarian Identity: An Analysis Based on the Works of Christopher Isherwood (1939–1976)

Mateus Henrique Siqueira Gonçalves

Doutorando em História pela Universidade de Brasília

<https://orcid.org/0000-0002-4352-6737>

RESUMO: O artigo investiga como a identidade homossexual masculina na capital alemã, Berlim, foi moldada pelas categorias de prostituição e escândalo político entre as décadas de 1920 e 1930. A partir dos romances semiautobiográficos do escritor homossexual inglês Christopher Isherwood, “*Goodbye to Berlin*” (1939) e “*Christopher and His Kind*” (1976), assim como de fontes jurídicas e apoio de uma bibliografia especializada, o estudo analisa a comercialização do sexo entre homens e seu impacto na percepção pública da homossexualidade. A prostituição masculina era comum entre a queda da República de Weimar e a ascensão nazista ao poder, e, com diferentes projetos políticos em disputa, setores da sociedade exploraram as ramificações desse comércio para realizar suas manobras políticas. A pesquisa evidencia que essas ações não apenas criaram e reforçaram estereótipos, mas também colaboraram para consolidar uma identidade homossexual masculina específica em um momento de transformação radical da Alemanha.

PALAVRAS-CHAVE: Homossexualidade. República de Weimar. Nazismo.

ABSTRACT: This article investigates how male homosexual identity in the German capital, Berlin, was shaped by the categories of prostitution and political scandal between the 1920s and 1930s. Based on the semi-autobiographical novels of the English homosexual writer Christopher Isherwood, “*Goodbye to Berlin*” (1939) and “*Christopher and His Kind*” (1976), as well as legal sources and the support of specialized bibliography, the study analyzes the commercialization of sex between men and its impact on public perception of homosexuality. Male prostitution was

common between the fall of the Weimar Republic and the rise of the Nazis to power, and, with different political projects at stake, sectors of society exploited the ramifications of this trade to carry out their political maneuvers. This research highlights how these actions not only created and reinforced stereotypes, but also contributed to consolidate a specific male homosexual identity in a moment of radical transformation in Germany.

KEYWORDS: Homosexuality. Weimar Republic. Nazism.

Introdução

A proposta deste artigo é examinar como a identidade homossexual weimariana foi parcialmente construída sob dois pilares: a comercialização do sexo entre homens e os escândalos político-midiáticos que derivaram dessa atividade em Berlim entre as décadas de 1920 e 1930. A prostituição foi um fenômeno popular na Alemanha da República de Weimar. Concomitantemente, escândalos políticos foram conferidos na arena pública no intuito de minar a credibilidade de figuras, partidos, projetos, instituições e coletivos de sujeitos perante a sociedade. Os homens homossexuais ocuparam posição de destaque entre os indivíduos marginalizados por noções morais tradicionais e conservadoras. Institucionalmente, essas categorias foram mobilizadas pelo Estado com o apoio da sociedade para o exercício da discriminação legal contra eles.

O escopo de compreensão temporal deste artigo estende-se, primeiramente, de 1929 até 1933, tendo em vista o espaço de experiência do escritor homossexual inglês Christopher Isherwood em Berlim, capital alemã, à época do declínio e queda da República de Weimar. Porém, a escrita dessa experimentação só foi viabilizada em 1939 e 1976, quando dois romances semiautobiográficos de Isherwood foram publicados. O primeiro, no Reino Unido e nos EUA em março de 1939, sob o título *“Goodbye to Berlin”*. O segundo, em novembro de 1976 nos EUA e em março do ano seguinte no Reino Unido, *“Christopher and His Kind”*. Cerca de 3 décadas separam um livro do outro, e a homossexualidade masculina foi um assunto cada vez mais urgente e inquietante para seu autor. Contudo, uma pesquisa como esta precisa extrapolar a documentação primária e interagir com a bibliografia especializada para efetivar um panorama de compreensão histórico mais complexo do envolvimento entre homossexualidade e prostituição masculinas.

“Goodbye to Berlin” destacou-se, entre outras questões, por ter elevado Isherwood à fama internacional. Essa obra é uma composição híbrida entre semiautobiografia e romance histórico ficcional, transformando Isherwood

na figura tríade de autor, personagem principal e narrador, configurando uma experiência de pacto autobiográfico com a audiência leitora. O enredo baseia-se na degradação da sociedade alemã às vésperas da ascensão nazista ao poder. Temas como prostituição, moralidade, imoralidade, antissemitismo e homossexualidade surgiram no legado literário isherwoodiano.

“*Christopher and His Kind*”, por outro lado, demonstrou a maturidade de seu autor ao revisitar o passado berlinense e encarar de frente algumas das questões em que ele anteriormente omitiu ou dissimulou, como a própria homossexualidade. Nesse livro, o escritor detalha as suas experiências homossexuais e a sua vivência na Alemanha, ao traçar uma visão crítica de si mesmo. É também um esforço literário de revisão de obras anteriores, como “*Goodbye to Berlin*”. Isherwood evidenciou suas fragilidades e seu caráter complexo ao engajar em temas como a busca da identidade pessoal e a conciliação dos desejos em uma época conturbada de intensas transformações sociais.

Apesar do sucesso e da positiva recepção da crítica especializada, o livro gerou controvérsias por conta de sua abordagem objetiva e direta das questões sexuais e de como elas eram exercidas no final da República de Weimar. Contudo, não deixou de se tornar um importante documento histórico-literário que serviu ao movimento de emancipação homossexual europeu e estadunidense do século XX, fornecendo retóricas memoriais para a identificação e o fortalecimento da luta por direitos da comunidade de ostracizados por questões sexuais e de gênero.

O comércio sexual berlinense na República de Weimar

Em “*Goodbye to Berlin*”, ao tomar como ponto de partida a prostituição da personagem Kost, o autor concebeu uma ideia do comércio sexual como prática do cotidiano na República de Weimar. Atividade corriqueira que era exercida pelas prostitutas dentro dos quartos alugados em que moravam nas pensões da cidade, até mesmo em casas familiares (Isherwood, 1989)¹. Ao relatar a prostituição que ocorria na esquina da rua de seu prédio à noite, Isherwood se atentou às características de idade, aparência e indumentária das mulheres. Elas já haviam ultrapassado a meia-idade e se vestiam de maneira decorosa, com chapéus matronais, saias compridas e casacos largos, sem esconder suas idades com maquiagem. O narrador ao questionar um personagem, Bobby, escuta

¹ A edição da qual tive acesso foi um exemplar traduzido para o português do Brasil datado de 1989, publicada pelo Círculo do Livro, sob o título “Adeus a Berlim”. Por razões estéticas, optei por permanecer utilizando o título original em inglês da obra neste artigo.

a explicação de que os homens procuram essas mulheres pois se sentem mais confortáveis com elas do que com moças mais jovens (Isherwood, 1989, p. 21).

Por supostas questões sentimentais, os homens preferiam as mulheres de mais idade, mas, o que também chama a atenção é o exercício da prostituição que mulheres idosas precisavam efetivar como maneiras de subsistir na Alemanha dos anos 1920. Segundo Otto Friedrich (1997), a inflação, o desemprego e a miséria, demoliram as noções morais tradicionais em relação ao sexo. Até mesmo as mulheres mais jovens passaram a alugar seus corpos em detrimento dos seus sonhos de contrair o matrimônio ainda castas. Ele afirma: “a partir da inflação desenfreada, o que aconteceu foi que as jovens deixaram essa história para lá. As mulheres sentiram-se liberadas” (Friedrich, 1997, p. 141). Com a quebra da economia e, conseqüentemente, com a perda do valor monetário, o sistema nupcial também faliu. Assim, a prostituição consolidou-se como uma maneira de tentar minimizar as dificuldades econômicas.

Contudo, a prática do comércio sexual evidenciava-se socialmente desde a era pré-industrial. Para Victoria Harris (2010, p. 9-10), o processo de urbanização alemão anunciou a expansão e a ocupação do sexo pago em espaços públicos, como as calçadas e as estações ferroviárias. E o contínuo exercício da prostituição, fez com que o Estado tratasse juridicamente dessa questão. Com a criação do primeiro Código Penal Imperial, à época da unificação alemã em 1871, os legisladores redefiniram estratégias penais para a gestão do vício, o que efetivaram ao longo do tempo através de dois dispositivos legais.

O primeiro, o Parágrafo 361, Seção Seis, em que definiram a prostituição como sexo mediante remuneração econômica (Alemanha, 1872). O dispositivo prescrevia punição com pena de prisão para toda mulher que, tendo sido colocada sob controle policial por conta da prostituição profissional, violasse as normas impostas pela polícia para a proteção da saúde, da ordem e da decência, ou qualquer mulher que, não tendo sido inserida no contexto de vigilância estatal, praticasse a prostituição mediante remuneração. Segundo Harris (2010, p. 10), delineou-se dois crimes: se prostituir sem se submeter ao registro policial e transgredir os estatutos em relação à saúde, ordem e decência, uma vez submetidos. O segundo dispositivo penal, o Parágrafo 180, decretava que quem auxiliasse a prática da prostituição, de maneira habitual ou com fins lucrativos, apoiando ou proporcionando facilitação para a mesma, seria punido com pena de prisão não inferior a um mês, com multa de 150 a 6.000 marcos e a perda de franquia (Harris, 2010, p. 10).

Acontece que esse esforço institucional não era um caso isolado dos alemães. Os franceses foram os primeiros a executar, ainda na primeira metade do século XIX, um sistema para regular a prostituição. Como aponta Corbin (*apud* Harris 2010, p. 10), a ideia era fundar “uma sociedade alternativa fechada que fosse ‘estritamente hierarquizada e compartimentada’”.² Os italianos, desde 1860, obrigaram as prostitutas a se registrar na polícia, fazer exames de saúde a cada 15 dias e se submeter coercitivamente aos tratamentos para doenças sexualmente transmissíveis (Harris, 2010, p. 10).

Em outros países da Europa como a Inglaterra, Noruega, Holanda e Suíça, a prostituição foi gerida sem sanções penais e sem um sistema de registro consolidado. Contudo, autoridades inglesas buscaram efetivar o controle e a exclusão social das prostitutas sob o pretexto da vigilância de doenças. Harris (2010, p. 11) observou como os Atos de Doenças Contagiosas de 1864, 1866 e 1869 procuravam prevenir a disseminação de doenças venéreas, especialmente em cidades de guarnição e portos marítimos, obrigando a testagem à força e o tratamento daquelas consideradas “prostitutas comuns”. A definição de “prostituta comum” era vaga, e utilizando-se dessa brecha interpretativa a polícia obrigou qualquer mulher considerada indesejável à testagem, independente se uma mulher possuísse vínculo com a prostituição ou não.

Na Alemanha da República de Weimar, elas estavam sob constante vigilância das forças policiais, do sistema judiciário e penitenciário, assim como da exploração masculina, especialmente por conta da lei de 1927 que legislava sobre o Combate às Doenças Venéreas. Uma década depois, já no regime nazista, uma portaria tratava das medidas preventivas para combater a criminalidade, classificando as prostitutas como “associais”, levando a uma transformação na maneira como a sociedade encarou e lidou com a prostituição em uma Alemanha marcada por crises, escassez de múltiplas frentes, das rupturas institucionais às mudanças de costumes, dos avanços e também dos retrocessos nos debates que envolviam a sexualidade e suas práticas (Harris, 2010, p. 14).

Ainda que a prostituição fosse originalmente uma experiência corpórea de mulheres, homens também estiveram envolvidos diretamente nesse comércio, tanto como clientes quanto como vendedores. A prostituição igualmente envolveu o coletivo de sujeitos desviantes da sexualidade e das expressões de gênero, como homens homossexuais, pessoas transgêneras e transexuais, transformistas,

² Tradução do autor. No original: “An enclosed alternative society that was ‘strictly hierarchised and compartmentalised’”.

artistas de cabarés e da indústria audiovisual. Conrad Veidt, ator alemão que conquistou Hollywood ainda no início dos anos 1930, era reconhecido nas ruas berlinenses como uma das mais belas transformistas. A atividade de transgressão das normas era tamanha que, às vezes, não havia condições de discernir quem era homem ou mulher nos clubes, danceterias e bares da cidade.

O turismo sexual berlinense foi exercido por nativos e estrangeiros. De várias partes do Ocidente, como dos EUA, de países vizinhos europeus, como a França, Inglaterra, Escandinávia e Rússia, os turistas sexuais moldaram a vida noturna da capital alemã. Porém, como pontua Robert Beachy (2015, p. 188), nem todos eram “turistas sexuais” no sentido específico do termo. Muitos eram observadores curiosos da experiência de libertação sexual, e buscavam acompanhar as práticas enquanto produziam registros dos elementos mais sórdidos da cidade, sem necessariamente estabelecer contatos sexuais.

Ainda que Isherwood não aborde explicitamente a questão da prostituição masculina em *“Goodbye to Berlin”* (Isherwood, 1989), esse é um assunto que permeou seu processo criativo de escrita, a composição de seus personagens e sua vivência sexual no período. Otto Nowak, personagem introduzido no cânone isherwoodiano em *“Goodbye to Berlin”* era, na realidade, Walter Wolff, um adolescente operário entre seus 16 e 17 anos que se prostituía e teve um envolvimento econômico, afetivo e sexual com Isherwood durante alguns meses (Parker, 2004, p. 192). Somente cerca de 3 décadas depois, Isherwood abordou essa questão de forma mais crítica em *“Christopher and His Kind”* (Isherwood, 2015). Nesse sentido, a experiência da prostituição masculina foi reveladora do desabrochar sexual do escritor.

O sexo pago e a formalização da identidade homossexual weimariana

Isherwood providencia um indício de que a sexualidade, para além das particularidades dos indivíduos, é uma experiência identitária construída coletivamente em determinada época e lugar, historicamente configurada para atender necessidades próprias de um tempo específico. Isherwood assimilou que o comércio sexual entre homens era uma forma legítima de exercitar a homossexualidade. Em *“Christopher and His Kind”*, na prostituição, os homossexuais, nativos ou estrangeiros, imaginavam-se em constante exercício de libertação das amarras conservadoras, moralistas e tradicionais às quais haviam sido moldados durante parte significativa de suas vidas (Isherwood, 2015).

O escritor constatou que a maior parte dos sujeitos que vendiam sexo pertenciam à classe trabalhadora, mas que não eram profissionais do ramo. Em suas palavras: “eram gananciosos, mas não calculistas, temperamentalmente incapazes de pensar no amanhã” (Isherwood, 2015, p. 30).³ Esses rapazes eram tão indiferentes, amadores e despreocupados com a vaidade, que não conseguiam enxergar a si mesmos como objetos de desejo. Isherwood observa como os rapazes propuseram a atividade sexual remunerada para sobreviver nos espaços de sociabilidade homossexual, mas, também, para estabelecer laços sociais (Isherwood, 2015, p. 30). Essa era uma juventude marcada pelo despudor como maneira de socialização e alienação. O dinheiro que advém do comércio sexual é uma bonificação que não compreende integralmente os sentimentos, não dimensiona a rede de sociabilidade e a formação de vínculos entre esses homens.

Uma parte da sociedade berlinense pareceu naturalizar tanto a prostituição durante a República de Weimar, que a linha tênue que separa abuso e consentimento, perversão e moralidade, ilegalidade e legalidade, opressão e resistência, etc., tornou-se bastante estreita, passando por vendedores e consumidores do sexo como quase invisível tamanha a sua pontilhada secção. Segundo Robert Beachy (2015, p. 189), foi após 1918 que a cena homossexual em Berlim borbulhou de vez. O turismo sexual foi encorajado por múltiplos setores, como a mídia impressa, a indústria cinematográfica, as instituições artísticas, os locais de entretenimento e o apoio massivo de anunciantes e agentes empresariais.

A atuação da revista “*Berliner Illustrirte Zeitung*” (BIZ) é reveladora nesse sentido, no final da década de 1920. Suas reportagens, crônicas e ensaios fotográficos promoviam a vida noturna berlinense. Ao dar ênfase a cabarés, casas de prostituição, clubes homossexuais e espetáculos de transformistas e travestis, originava-se uma forma de erotização e sexualização da metrópole, estimulando visitas de estrangeiros, particularmente britânicos e estadunidenses. Os que estavam interessados em experimentar a prostituição, sentiam-se encorajados pela construção narrativa de uma Berlim licenciosa e permissiva às sexualidades e demais formas de expressão de gênero dissidentes (Gordon, 2006).

Pela sua ótica pessoal, Isherwood (2015, p. 31) descreveu essa jornada de descoberta sexual, imerso nesse caldeirão em efervescência das liberalizações do sexo, como uma espécie de regressão ao mundo de sua sexualidade adolescente. Para o autor, os alemães exerciam o sexo com uma naturalidade que estimulava

³ Tradução do autor. No original: “They were greedy but not calculating, temperamentally unable to take thought for the morrow”.

a intimidade, mas sem deixar de lado o fetichismo, o gosto pelo sadismo e por uma relação física própria dos homens e daquilo que surge entre esse contato. Depois de se satisfazer com o sexo homossexual desregrado, Isherwood (2015, p. 32) passou a visar um relacionamento sério, “expresso por um tipo diferente de fazer amor”.⁴ Nesse ponto da narrativa, um peso moralizante e um exame de consciência pouco positivo para si mesmo instaura-se sobre o sexo pago.

Isherwood (2015, p. 32) questiona a si próprio: “não foi basicamente errado contratar outros seres humanos para fazer sexo com você? Você não estava explorando-os, degradando-os?”.⁵ O autor oferece aos leitores a possibilidade de responder suas indagações. Ao tratar do *Cosy Corner*, um bar em que operava a prostituição masculina entre homens, Isherwood analisou o comportamento dos clientes, qualificando-o como feio diante do sentimentalismo:

Eles esperavam sentimentalmente gratidão, até mesmo amor, jogada na barganha. Não recebendo nenhum dos dois, eles ficaram desagradáveis, chamaram os meninos de putas e relutaram o dinheiro que haviam gasto com eles. [...]. No meio de uma briga com um garoto, [um cliente exclamou]: ‘Eu não dou a mínima para o dinheiro – é **você** que eu quero!’ Ele havia dito involuntariamente o que desejava que o garoto **lhe** dissesse. Havia uma coisa que os meninos tinham a oferecer que muito poucos clientes queriam: sua amizade. A maioria dos meninos sonhava com um amigo – aquele conceito sagrado alemão. Este amigo os ajudaria com dinheiro, é claro, mas ele também – e isso era muito mais importante para eles – lhes ofereceria interesse sério, conselhos e encorajamento (Isherwood, 2015, p. 32-33, grifos do texto original)⁶.

Em tempos de privações econômicas, instabilidades políticas e sociais, mudanças bruscas na cultura, etc., os sujeitos carecem de categorias para além do bem-estar físico e material. Havia uma parcela de clientes do comércio sexual que buscava unicamente o sexo rápido e o prazer instantâneo, mas alguns mais delicados e abertos às sentimentalidades desfrutavam de algo além daquilo que seguramente o comércio sexual entre homens tinha a oferecer, como a camaradagem, a intimidade, o estabelecimento de uma relação de amizade, afeto ou amor. Contudo, Isherwood também havia tropeçado no obstáculo do sentimentalismo. Ainda que ele critique aqueles que esperavam gratidão e amor

4 Tradução do autor. No original: “Expressed by a different kind of lovemaking.”

5 Tradução do autor. No original: “Wasn’t it basically wrong to hire other human beings to have sex with you? Weren’t you exploiting them, degrading them?”

6 Tradução do autor. No original: “They sentimentally expected gratitude, even love, thrown into the bargain. Not getting either, they turned nasty, called the boys whores and begrudged the money they had spent on them. [...] In the midst of a quarrel with a boy, [a client exclaimed]: ‘I don’t give a damn about the money—it’s **you** I want!’ He had involuntarily said what he had been wishing the boy would say to **him**. There was one thing the boys had to offer that very few clients wanted: their friendship. Most boys dreamed of a Friend—that sacred German concept. This friend would help them with money, of course, but he would also—and this was far more important to them—offer them serious interest, advice, encouragement.” Grifos do texto original.

provindos do contato com a prostituição, o próprio escritor esteve envolvido nessa situação, inclusive, mais de uma vez.

Fato é que em “*Christopher and His Kind*”, Isherwood (2015, p. 3-5) se contradiz. Ora ele afirma que a prostituição masculina o tornou mais seguro em sua própria identidade sexual, ora ele acha execrável beneficiar-se dessa prática, pensando-a como sintoma de uma miséria coletiva, da dissolução de uma sociedade. Pode ser que ambas as coisas sejam verdadeiras e, por conta disso, em “*Goodbye to Berlin*” ele tenha deliberadamente dissimulado, omitido e mentido sobre isso. Mas por alguma razão, em “*Christopher and His Kind*”, ele tenha se sentido minimamente seguro para se expor, para atestar aos leitores as suas incongruências, falhas, culpas e demais formas de abuso perpetrados.

Ao ler os romances semiautobiográficos cotejados com as biografias de Isherwood, como a escrita por Peter Parker (2004), conclui-se que o escritor não era tão espontâneo e verdadeiro quanto se pretendia publicamente. Sua obra inverte os papéis da vida real e atribui aos seus personagens semifictícios relações inexistentes, quando não oculta informações delicadas de sua experiência pessoal. O Christopher Isherwood de “*Goodbye to Berlin*” é praticamente um assexuado puritano, moralmente conservador, escandaliza-se com as falas da personagem Sally Bowles sobre sexo e não produz indícios de uma atividade sexual do fictício suposto casal homossexual Peter Wilkinson e Otto Nowak, somente dá ênfase aos seus violentos desentendimentos. Já o Christopher Isherwood de “*Christopher and His Kind*” é libidinoso, progressivamente desinibido, trata o sexo como uma categoria complexa e essencial da vida humana e, fundamentalmente, uma experiência de descoberta e entendimento homossexual repleta de altos e baixos.

Verifica-se, na realidade, que Isherwood manteve uma relação afetivo-sexual com um rapaz, no mínimo, 10 anos mais novo do que ele (em “*Goodbye to Berlin*” apresentado como Otto Nowak, na vida real, Walter Wolff). Embora essa configuração relacional seja pública, há uma estranheza quando envolve financeiramente a sobrevivência de uma família de trabalhadores à beira da miséria e o sustento dos pequenos luxos de um adolescente vaidoso como Walter Wolff, que gastava o dinheiro de Isherwood com elegantes ternos e em noites de diversão nos cabarés da cidade (Parker, 2004, p. 200). Talvez, por isso, em “*Christopher and His Kind*”, Isherwood demonstre peso na consciência e parcial autocrítica após aproveitar-se da prostituição masculina berlinense (Isherwood, 2015, p. 32).

Essa decisão narrativa que oculta a sua atividade sexual em “*Goodbye to Berlin*”, sugere que ocorreu porque Isherwood tinha receio do julgamento moral da sociedade ou porque temia ser censurado e não publicado em um tempo cuja explícita exposição sexual dissidente poderia demolir a carreira de um escritor e impedir uma obra de vir à público. Apesar de ser conhecido pelas relações afetivo-sexuais com homens mais novos do que ele ao longo de toda sua vida, não há evidências de que o escritor tenha sido pedófilo. As documentações às quais tive acesso não demonstram que Isherwood tenha se relacionado com rapazes menores que a idade de consentimento legal, muito menos a bibliografia especializada sobre o escritor trata da sua figura enquanto um predador ou abusador sexual.

Decerto, o Parágrafo 176 do Código Penal da República de Weimar, o mesmo utilizado desde o final do século XIX na unificação alemã, estabelecia a idade de consentimento em 14 anos para atividades heterossexuais (Alemanha, 1871a). Porém, os atos homossexuais masculinos eram criminalizados pelo Parágrafo 175 independentemente da idade. Assim, a conjuntura dos homossexuais é muito mais complexa de ser analisada. Ao especular a situação, pode-se pensar que se não fosse a homofobia institucionalizada, os homossexuais provavelmente estariam dentro da legislação que trata sobre a idade de consentimento sexual, sem quaisquer distinções. No caso do relacionamento de Isherwood com Walter Wolff, alguns podem até moralizar as condições pelas quais essa relação se estruturou, assim como censurar a diferença de idade entre eles e problematizar uma possível relação de poder e de abuso, mas não há concretude para imputar crime de exploração sexual de menor, tendo em vista que Wolff, à época, tinha entre 16 e 17 anos de idade quando se relacionou com Isherwood. Se esse fosse um relacionamento heterossexual, pela lei, não configuraria crime algum, mesmo com a discrepância de idade entre eles.

Isherwood dissimula o real status de relacionamento que tinha com Walter Wolff em “*Goodbye to Berlin*”. Nessa narrativa, eles são somente bons amigos e de maneira muito generosa Isherwood ajuda financeiramente a família Nowak. Contudo, em “*Christopher and His Kind*”, ele assume o seu envolvimento afetivo-sexual com o rapaz, fornecendo detalhes de como Walter era sedutor, egoísta e ambicioso. Preocupado com a aparência, luxúria e prazeres acessíveis nas noites da cidade. Ainda que eles tenham se relacionado sexualmente, Otto permanecia atraído majoritariamente por mulheres. Sobre a manifestação dessa afetividade, Isherwood a descreve:

Para Christopher, durante seus primeiros meses juntos, a presença física de Otto parecia fazer parte do próprio verão. [...]. Christopher andou no ônibus com ele para o grande lago em Wannsee, [...] depois vagaram pela floresta circundante para encontrar um lugar onde pudessem estar sozinhos. [...]. A multidão e a floresta também estavam cheias de ameaças para Christopher; dentro delas espreitavam aquelas que poderiam atrair Otto para longe dele. Otto preferia as mulheres aos homens, mas ele era um narcisista em primeiro lugar. Por isso, o grau de sua luxúria dependia em grande parte do de seu parceiro. Christopher poderia competir com sucesso com a maioria das mulheres mostrando mais luxúria, mais sem-vergonhice, do que elas fariam. (As mulheres mais velhas eram uma ameaça maior do que as jovens). (Isherwood, 2015, p. 43)⁷.

Para os leitores, o autor observa durante essa passagem um envolvimento sexual mútuo, um jogo de sedução exercido com intensidade recíproca. Isherwood sabe os limites desse relacionamento, entende suas complexidades e a real identidade sexual de seu parceiro. Ele também relata como sua relação afetivo-sexual com Walter Wolff era de conhecimento público. Segundo ele, os familiares do rapaz e todos os seus amigos íntimos sabiam que essa relação, para além do envolvimento afetivo-sexual, estava condicionada por dinheiro e status social.

A sua escrita sugere que a prostituição masculina fazia parte da experiência homossexual como uma prática amplamente difundida, corriqueira e integralmente associada à estruturação da identidade homossexual alemã no período weimariano. Segundo Isherwood (2015, p. 45-46), Wolff flertava com todos os seus amigos, sendo Stephen Spender o mais receptivo a isso. W. H. Auden, por sua vez, tratava a presença de Wolff com indiferença. E o amigo heterossexual, Edward Upward, esforçava-se ao máximo para respeitar a homossexualidade que testemunhava em Berlim, não somente como estrangeiro, mas como um sexuado de outro campo (Isherwood, 2015, p. 47-48).

O encontro do movimento de emancipação homossexual com a prostituição masculina: entre escândalos e esforços políticos

Ainda na década de 1920, os ativistas da causa homossexual passaram a se preocupar com o comércio sexual entre homens. Kurt Hiller e Richard Linser, homossexuais e intelectuais de esquerda ligados ao Comitê Científico-Humanitário, advogaram publicamente a favor da prostituição masculina

⁷ Tradução do autor. No original: “For Christopher, during their first months together, Otto’s physical presence seemed part of the summer itself. [...] Christopher rode on the bus with him to the great lake at Wannsee, [...] then wandered off into the surrounding woods to find a spot where they could be alone. [...]. The crowd and the woods were also full of menace to Christopher; within them lurked those who might lure Otto away from him. Otto preferred women to men, but he was a narcissist first and foremost. Therefore, the degree of his lust was largely dependent upon that of his partner. Christopher could compete successfully with most women by showing more lust, more shamelessly, than they would. (Older women were a greater threat than young ones).”

(Marhoefer, 2015, p. 112-113). Hiller, em 1905, aos 20 anos, teve sua primeira experiência com o comércio sexual dos homens. Para ele, o sexo pago se tornou uma parte significativa de sua vida, o acompanhando durante as próximas três décadas. Hiller acreditava que o comércio sexual era uma prática legítima e honesta, logo, sua criminalização era um escândalo (Marhoefer, 2015, p. 112-113).

Em 1923, Hiller conheceu Linsert, um jovem comunista veterano da Primeira Guerra Mundial que tentou fundar uma “liga da amizade” (espécie de associação homossexual) em Munique no início dos anos 1920. Ao fracassar na empreitada, Linsert mudou-se para Berlim e foi requisitado por Hiller para trabalhar como secretário do Comitê Científico-Humanitário. Com as relações estabelecidas a partir do Comitê, Linsert esteve presente assiduamente em um posto de trabalho dentro do Instituto para a Ciência Sexual, colaborando diretamente com o sexólogo Magnus Hirschfeld (Marhoefer, 2015, p. 114-115). Juntos, Linsert e Hiller cresceram dentro do movimento homossexual a ponto de assumirem a liderança do Comitê quando Hirschfeld abdicou do cargo no final dos anos 1920 (Marhoefer, 2015, p. 120).

Em 1925, no Ministério da Justiça, tramitou novos esboços legislativos que propuseram revisão ao Código Penal, estipulando endurecimento das penas de prisão para os homens flagrados comercializando sexo (Marhoefer, 2015, p. 116). Mas por que a atividade sexual entre homens era um problema de ordem moral na sociedade alemã? Primeiro, porque o sexo homossexual masculino, em si, era considerado um crime bestial contrário à natureza desde o final do século XIX, quando o Parágrafo 175 foi criado com a primeira versão do Código Penal (Alemanha, 1871b). A punição previa o encarceramento e a perda dos direitos políticos. Segundo, porque havia socialmente uma crença na qual os homossexuais supostamente convertiam outros homens às práticas sexuais não-reprodutivas, proliferando a sua ‘anormalidade’ e enfraquecendo aquilo que era entendido como destino biológico humano, a reprodução. E, em terceiro, porque a prostituição masculina, para além da intrínseca associação à homossexualidade, inseria-se em um contexto de criminalidade, como a chantagem (Barreto, 2018; Duarte, 1988; Marhoefer, 2015).

Na tentativa de desfazer essas associações entre a venda do sexo homossexual com a criminalidade e a imoralidade, Linsert uniu-se com alguns ativistas da causa e entrevistaram mais de 300 homens que estavam envolvidos diretamente com a prostituição. A proposta era provar, a partir dos estudos de caso, que os homens que se prostituíam pertenciam à classe trabalhadora, em sua

maioria encontravam-se desempregados e, conseqüentemente, faziam isso por causa de suas miseráveis condições de vida aliada à péssima situação econômica do país.

Com os resultados dessa pesquisa, Linsert fazia oposição às leis discriminatórias aos trabalhadores masculinos do sexo, não pelo comércio sexual que exerciam, mas pela homossexualidade que o permeava. Essa questão revelou-se um problema de ordem pública, social, política e econômica, e pouco ou quase nada tinha relação com a imoralidade ou a criminalidade, como defendia Linsert. Notava-se que a maioria desses homens não se autodeclararam homossexuais, apenas um terço deles. Esses rapazes vendiam sexo por muitas razões, como subsistir, trazer à cidade suas companheiras que estavam nas zonas interioranas, ou, até mesmo, fazer uma renda extra para ter uma vida mais confortável (Marhoefer, 2015, p. 117-118). Por fim, esses esforços não obtiveram o êxito que se esperava entre os legisladores.

Mesmo com uma legislação anti-homossexuais e a suspeita do recrudescimento da vigilância, a prostituição masculina não retrocedeu. Pelo contrário, esse era um ramo mercadológico e de sociabilidade em extensa construção e desenvolvimento. Uma profunda subcultura homossexual prosperou, aglutinando marginalizados de todos os tipos. Para driblar a vigilância do Estado, os trabalhadores do sexo e os mantenedores desse serviço se reinventaram. A prostituição foi estruturada como uma via coletiva para muitos homens que não só descobriram e experienciaram suas sexualidades nessa prática, mas a reforçaram por múltiplas razões. Tanto para aqueles que encaravam o comércio sexual com seriedade e dignidade, como para os outros que participavam dele enquanto válvula de escape da realidade local ou, em parte, enxergavam no sexo pago um entretenimento e uma forma de sociabilidade, a experiência da prostituição moldou o exercício dos relacionamentos homossexual, homoafetivo, homoerótico e homossexual na Alemanha da República de Weimar.

Apesar dos inúmeros espaços de sociabilidade homossexual espalhados por Berlim, do centro aos bairros nobres e proletários, e daqueles que não somente toleravam como incentivavam a prostituição, a importunação deixou marcas danosas para a imagem pública dos homossexuais. Em 1908, Hirschfeld apontou a existência de diversas casas seguras para o comércio sexual masculino na capital alemã, cuja clientela baseava-se nos indivíduos das classes sociais mais altas e oficiais que temiam a chantagem (Tamagne, 2003, p. 43). Contudo, nem mesmo a criação dos estabelecimentos direcionados para isso conseguiu evitar transtornos

dentro da comunidade homossexual. Os escândalos políticos noticiados pela imprensa que envolviam prostitutas que chantageavam clientes casados, publicamente homens heterossexuais de reputação, pais de família, também não ajudaram em nada para que o debate fosse favorável aos homossexuais e aos trabalhadores masculinos do comércio sexual (Marhoefer, 2015, p. 123).

As associações com a prostituição masculina e o desvio de caráter, atrelada à ideia de uma espécie de patologia mental, tendência, compulsão ou oportunidade à criminalidade, como o roubo ou a chantagem, foram exaustivamente conferidas por legisladores, psiquiatras e sexólogos da época. O próprio Hirschfeld, em seu trabalho, arquitetou uma imagem dos prostitutas masculinos como heterossexuais degenerados e chantagistas (Marhoefer, 2015, p. 126). Segundo o sexólogo, a maioria dos prostitutas masculinos possuía uma “degeneração inata”. A aversão ao trabalho e a falta da noção de vergonha eram características que acentuavam essa condição. Jovens sem moradia aprendiam sobre prostituição e chantagem em ambientes marginalizados, como prisões e abrigos, onde o sexo entre homens era visto como substituto do sexo heterossexual. A fusão da prostituição com a criminalidade, nessa perspectiva, oportunizava o roubo e a extorsão.

Contudo, essa argumentação de Hirschfeld, demasiadamente problemática, é reflexo de uma época em que teorias pseudocientíficas proliferavam e procuravam responder algumas questões da vida humana ancoradas nos campos da criminologia e da eugenia. A ideia de que algumas pessoas apresentavam desvios morais desde o nascimento, ou seja, carregavam esses elementos de forma inata, não possui respaldo científico nenhum. No entanto, a teoria do ‘criminoso nato’ foi largamente utilizada por diversos setores da sociedade para atender a interesses, até mesmo opostos, em épocas diferentes. Hirschfeld uniu a psiquiatria e a sexologia à política para tentar distanciar a criminalidade dos homossexuais, imputando a ‘má conduta inata’ aos homens heterossexuais. Os nazistas, por outro lado, também se beneficiaram dessas práticas, ressignificando as identidades humanas de judeus, ciganos e homossexuais para um lugar de não-humanidade.

Fato é que essa junção entre prostituição e criminalidade foi tão popular na época que o primeiro filme homossexual da história do cinema, “*Anders als die Andern*” (“Diferente dos outros”, 1919), abordou a relação entre um chantagista heterossexual que se passava por um prostituto e um violinista homossexual chantageado. A avaliação de Hirschfeld era categórica, esses homens que usavam da prostituição para cometer crimes não eram homossexuais, pois a maioria dos

prostitutos tinha orientação heterossexual. Assim, eles encaravam o comércio sexual entre homens como um meio de faturar não com o sexo, mas com a chantagem e outros atos ilícitos (Marhoefer, 2015, p. 126-127).

Outro ponto que pesou contra a simpatia do parlamento em relação à reforma sexual legal foi a descoberta dos casos de assassinatos em série ocorridos na cidade de Hanôver, entre 1923 e 1924 (Plant, 1986, p. 45). A homossexualidade, em caráter patológico, estampou as páginas dos jornais sensacionalistas, ocupou negativamente o imaginário social e político, reforçou disputas, narrativas e projetos de poder entre partidos rivais, assim como também incitou manifestações públicas de ódio não somente contra um crime ou um criminoso, mas à comunidade homossexual. Se antes, as associações que pesavam contra a homossexualidade eram das categorias da imoralidade, prostituição e chantagem, agora, passavam a incluir assassinatos ritualísticos e canibalismo.

Friedrich Heinrich Karl Haarmann, conhecido como Fritz Haarmann, era um homossexual com histórico de instabilidade mental e passagens por prisões e instituições psiquiátricas, acusado de crimes como furtos e abusos de menores. No mercado clandestino, subsistia com a venda de roupas, joias e carnes de procedência duvidosa. Por algum tempo, também foi informante da polícia, o que inicialmente o livrou de suspeitas. Suas vítimas eram jovens do sexo masculino, geralmente adolescentes em situação de vulnerabilidade socioeconômica, que ele atraía com promessas de trabalho e abrigo. Levava-os à sua casa, onde os abusava e assassinava com mordidas no pescoço, rompendo a carótida e a traqueia (Plant, 1986, p. 45-46).

Nem todos eram mortos, mas os que eram tinham os corpos esquartejados e suas carnes processadas em um moedor comum. Além de vendê-las como carne de cavalo, Haarmann as consumia. Após o aparecimento de restos humanos no rio Leine, a polícia iniciou uma investigação, levando o assassino a julgamento em julho de 1924 (Plant, 1986, p. 45-46). No tribunal, ele confessou 127 assassinatos, mas foi condenado por 24. Pediu a pena de morte, executada em 15 de abril de 1925. Alegava não lembrar dos rostos das vítimas, mas admitia ter matado sob o efeito de uma raiva sexual descontrolada. O caso gerou associações com antigos mitos de vampiros e lobisomens que foram anexados ao processo legal e, por fim, envolveu Magnus Hirschfeld como perito, ainda que ele nunca tenha manifestado publicamente a sua participação na investigação (Plant, 1986, p. 46).

Esses eventos marcaram a trajetória do ativismo homossexual de tal maneira que o fragmentou por completo, diluindo parte do trabalho encabeçado

por Hirschfeld e o Comitê Científico-Humanitário ao que concerne as pressões políticas para a queda das leis anti-homossexuais. Para Plant (1986, p. 45-46), esse é o momento de uma divisão irreparável dentro do movimento de emancipação homossexual, fornecendo os subsídios retóricos para os preconceitos contra a homossexualidade e recrudescendo as ações dos adversários conservadores da reforma sexual legal.

Mesmo após esses escândalos que, na mídia e na política foram enviesados para polemizar as questões relativas à reforma sexual legal em prol dos homossexuais, uma parcela do movimento de emancipação homossexual não retrocedeu à pressão política e não sucumbiu às associações tendenciosas e essencialistas entre crime e identidade sexual. Alguns ativistas fizeram os esforços na imprensa para que a conexão entre homossexualidade e criminalidade fosse desfeita. Friedrich Radszuweit, um empresário conservador que à época ocupava cargo de chefia na Liga pelos Direitos Humanos, enviou uma carta aos principais jornais em que protestava contra aquilo que ele chamou de “imprensa amarela”, responsável pela junção entre homossexuais e criminosos. Em seu texto, ele afirmava que os homossexuais rejeitavam enfaticamente as insinuações que equiparavam a homossexualidade à criminalidade (Plant, 1986, p. 46-47).

Ocorre que desde a segunda metade do século XIX, os homossexuais ligados à causa do Comitê Científico-Humanitário e outras entidades preocupadas com as questões de libertação homossexual pressionaram as autoridades políticas da Alemanha para que as leis anti-homossexuais fossem extintas do Código Penal, mesmo sob as turbulências externas aos esforços de emancipação. No começo do século XX, em 1929, o Reichstag sinalizou o interesse do quase completo expurgo do Parágrafo 175. Contudo, para que isso pudesse acontecer, os legisladores queriam substituir uma lei anti-homossexuais por outra (Marhoefer, 2015, p. 117-118).

Na prática, o sexo homossexual por si só seria descriminalizado, entretanto, o novo arranjo legislativo propunha penas criminais para o sexo homossexual em três situações: “proibia o sexo entre dois homens se um tivesse menos de 21 anos e o outro não, se uma das partes usasse uma posição de influência para pressionar a outra ou se uma pagasse à outra” (Marhoefer, 2015, p. 120)⁸. Ou seja, ainda haveria perseguição aos homossexuais, tendo em vista que a idade de

8 Tradução do autor. No original: “It outlawed sex between two men if one was under twenty-one and the other was not, if one party used a position of influence to pressure the other, or if one paid the other”.

consentimento ao ato sexual entre homens aumentaria e a prática da prostituição masculina seria definitivamente criminalizada.

Essa proposta criou um racha dentro do movimento homossexual. Alguns ativistas homossexuais que eram contrários à associação ou à defesa da prostituição masculina, pois a encaravam como algo pejorativo e de má reputação social, deram-se por satisfeitos. Outros, como Hiller e Linsert, achavam que a nova proposta de lei era uma ilusão, uma forma de dividir e sabotar a organização dos homossexuais em busca de direitos. Eles acreditavam que a causa da emancipação homossexual estava diretamente ligada com a legalização da prostituição masculina, uma vez que ambas as categorias se imbricavam e eles estavam reivindicando liberdades individuais e direito ao uso do próprio corpo. Por causa dessa polarização, Hirschfeld afastou-se do debate e deixou o cargo de liderança do Comitê Científico-Humanitário, cofundado e ocupado por ele há 32 anos, no comando de Hiller e Linsert (Marhoefer, 2015, p. 117-118).

Ainda que o Reichstag tenha votado pela substituição do Parágrafo 175 pelo Parágrafo 297, desse momento histórico na Alemanha, para Marhoefer (2015, p. 127-128), evidencia-se como a homossexualidade permanecia encarada enquanto uma anomalia, uma perversão moral ou uma doença congênita da qual os homossexuais eram vítimas. Os votos dos partidos políticos e as falas de autoridades legislativas e psiquiátricas, revelam uma confusão acerca dos entendimentos da homossexualidade e uma homofobia ainda latente na sociedade alemã. Hirschfeld, apesar de advogar contrário à prostituição masculina, era um dos mais ferrenhos defensores da homossexualidade enquanto uma expressão sexual-identitária legítima dos seres humanos, que deveria ser naturalizada e normalizada publicamente. Entretanto, somente a sua argumentação contrária à prostituição masculina foi levada em consideração pelo parlamento.

Fato é que o Reichstag dissimuladamente aprovou a descriminalização do sexo entre homens ao mesmo tempo que recrudescu a criminalização à prostituição masculina, sob o pretexto de proteger a sociedade da criminalidade e da degeneração que envolvia o comércio sexual entre homens. Contudo, para o decorrer da História, essa movimentação política não parece importar tanto. Ainda na primeira metade dos anos 1930, os nazistas chegaram ao poder e, em 1935, reformularam o Código Penal, principalmente em relação às leis discriminatórias aos homossexuais. A ditadura nazista utilizou-se de leis pré-existentes e retóricas discriminatórias, patológicas e que imputavam criminalização, degeneração, má reputação moral e racialização aos homossexuais para efetivar um largo

processo de perseguição, banimento, encarceramento, deportação e assassinato aos dissidentes sexuais masculinos, assim como aos seus empenhos e legados históricos, políticos, sociais, memoriais e culturais.

Contudo, o escândalo político por razões sexuais não era uma novidade para os alemães. Anterior às associações entre crimes bárbaros com homens homossexuais, a imprensa já havia explorado a sexualidade até mesmo da alta aristocracia imperial. No início do século XX, estourou o caso de Eulenburg (1907-1909), referente às acusações na imprensa, processos na corte marcial e na esfera civil, pronunciamentos no Reichstag e questionamentos populares sobre a conduta homossexual de membros influentes e íntimos do gabinete de Guilherme II. O jornalista Maximilian Harden explorou em publicações a suposta relação homossexual entre o príncipe Philipp zu Eulenburg-Hertefeld e o general Kuno von Moltke (Steakley, 1991, p. 233). Essa série de eventos alavancou o escândalo mais relevante na política doméstica do Segundo Reich (Steakley, 1991, p. 234).

Essa conexão da sexualidade desviante com o controle do país não foi idealizada à toa. Harden expôs uma noção social comum da época em que homens homossexuais eram fracos por natureza, incapazes de exercer o poder com firmeza (Mommsen, 2002). Logo, não deveriam ocupar cargos estratégicos nos ministérios ou nas fileiras dos braços armados da nação. Além dos artigos, os jornais também publicaram charges políticas anti-homossexuais.

Com forte teor homofóbico, as caricaturas de Eulenburg e Moltke eram desenhadas vestidas ou seminuas, mas, com regularidade, afetadas e delicadas, remetendo a trejeitos femininos. Uma em específico, feita em 1907 e publicada em um periódico de Munique, trazia Eulenburg e Moltke ocultando seus órgãos sexuais apenas com flores, remetendo às pinturas da Antiguidade Clássica das representações de Dionísio, deus grego do vinho, das festas e das transgressões sociais. Eulenburg, com uma mão, segura uma harpa e com a outra, acaricia o queixo de Moltke. Entre eles, em destaque, o escudo de armas da Prússia (Grand-Carteret, 1992).

Após investigações, processos, condenações e anulações, Eulenburg faleceu em 1921, com a suspeita de sua sexualidade ainda em aberto. Harden foi condenado por difamação, mas não foi preso. Arcou com os custos dos processos e da multa. Moltke, por sua vez, em abril de 1908, teve sua reputação restabelecida pela opinião pública. O resultado do caso Eulenburg foi uma mudança radical na política alemã. Membros da corte e das forças armadas foram afastados da cena e dos cargos públicos, as noções de virilidade aliadas à agressividade militar

foram intensificadas, o tom pacífico de Guilherme II foi abandonado, insinuações conspiracionistas antissemitas foram proferidas e, por fim, contribuiu para o estopim da Grande Guerra, assim como acelerou o declínio e fim do Império (Steakley, 1991, p. 235).

Décadas depois, a homossexualidade continuou ao serviço do escândalo político na mídia. Marinus van der Lubbe, por exemplo, foi apontado como um dos sujeitos responsáveis por incendiar o Reichstag em fevereiro de 1933. O jovem de origem holandesa rapidamente teve sua suposta homossexualidade e ideologia comunista exploradas por políticos conservadores, fascistas ou simpatizantes do Partido Nazista, e pela imprensa da ultradireita alemã. Ele e outros quatro indivíduos foram a julgamento, porém, somente van der Lubbe foi condenado à morte por alta traição (Gonçalves, 2022, p. 39; Schlagdenhauffen, 2018, p. 7-8).

Nem mesmo os nazistas do alto escalão do Reich estavam a salvo se a homossexualidade surgisse enquanto escândalo. Os rumores sobre a sexualidade desviante de Ernst Röhm, líder da SA (*Sturmabteilung*), um dos homens mais íntimos do círculo pessoal de Hitler, explodiram ainda no início dos anos 1930. Hitler, até então, ignorava os boatos que circulavam e a propaganda homofóbica que grupos de extrema-esquerda e social democracia faziam sobre o Partido Nazista com o intuito de minar sua popularidade perante a sociedade. Progressivamente, Röhm conquistou a indisposição e a antipatia de outros homens de poder dentro do partido, entre eles, Heinrich Himmler, Reinhard Heydrich, Hermann Göring, e, após a sua sexualidade se tornar objeto de profunda ojeriza para esses compatriotas, Röhm foi alvo de uma conspiração. Documentos falsos o acusavam de tentar dar um golpe dentro do Partido Nazista, destituindo Hitler do comando central do Reich e fortalecendo sua milícia paramilitar em um exército a nível nacional (Gonçalves, 2022, p. 40; Setterington, 2018, p. 30).

Entre 30 de junho e 2 de julho de 1934, houve a “Noite das Facas Longas”, uma série de episódios de expurgo dentro do Partido Nazista que inaugurou o assassinato como maneira de eliminar opositores ou indesejáveis do Reich. Encabeçado por Hitler, algumas centenas de homens entre as lideranças e soldados comuns da SA foram mortos com o objetivo de extirpar uma “anormalidade sexual vergonhosa e repugnante” que, se não fosse controlada, poderia recair enquanto suspeita sobre toda a direção do Partido Nazista (Longerich, 2014, p. 259). Nessa chacina, Hitler demonstrou que possuía apoio praticamente irrestrito da sociedade e das instituições do Estado para agir como bem entendesse, mesmo

que fosse na ilegalidade, sem a devida investigação, processo legal ou julgamento (Kershaw, 2010, p. 347).

A presença da homossexualidade foi capaz de enfurecer tanto os membros da cúpula do Reich a ponto de Hitler ordenar ao novo chefe do Estado-Maior, Viktor Lutze, entre outras medidas, a erradicação da homossexualidade dentro da SA no imediato da carnificina perpetrada contra os camisas-pardas. Sobre eles, pairaram as acusações de excessos luxuriosos, libertinagem, imoralidade e traição à pátria (Kershaw, 2010, p. 347). Quando a comitiva de Hitler, alguns membros da SS e da polícia local chegaram cedo ao Hotel *Hanselbauer* para efetuarem as prisões, no quarto ao lado de Röhm, o líder da SA de Breslau, Edmund Heines, como nos informa Kershaw (2010, p. 343), “foi encontrado [...] na cama com um homem jovem – cena que a propaganda de Goebbels utilizou bastante para expor a SA ao opróbrio moral”. Esse fato revelou uma preocupação obsessiva com as questões sexuais e morais dentro das instâncias políticas do Reich, pois tornou-se simbólico a ponto de ser incorporado ao discurso homofóbico nazista, adquirindo um caráter escandaloso na propaganda política de Goebbels (Kershaw, 2010, p. 347).

A partir de 1935, os homens homossexuais experimentaram formas mais radicais de discriminações e perseguições pela reestruturação da legislação penal. Os discursos homofóbicos presentes na propaganda e nas ações políticas nazistas desde os anos 1920 por figuras como Heinrich Himmler, chefe da Gestapo, Ministro do Interior e ideólogo da homofobia nazista, haviam alcançado o seu auge (Gonçalves, 2022, p. 40). Em 1936, Himmler encabeçou a criação da Central do Reich para o Combate da Homossexualidade e do Aborto (Longerich, 2013, p. 245). Forças policiais de segurança do Estado, como a Gestapo e a Kripo, foram encarregadas de cumprir as tarefas de fiscalizar, localizar, banir e exterminar os homossexuais dos territórios do Reich.

Isherwood sequer poderia tratar sobre essa perseguição aos homossexuais em “*Goodbye to Berlin*”, afinal, seu romance se encerra ainda em 1933 quando os nazistas chegaram ao poder. Porém, é importante que se tenha clareza do histórico dessa perseguição que se fazia muito presente ainda nos anos 1920 (época em que Isherwood experimentou a vida berlinense entre 1929 e 1933), quando os homossexuais já eram censurados, vigiados e incriminados por uma lei do século XIX que foi fortalecida pelos nazistas e acabou perdurando no país por mais de 120 anos, entre recuos e recrudescimentos.

Decerto, a comunidade homossexual esteve refém dos abusos, violências e descasos da sociedade e do Estado durante tanto tempo em diferentes épocas e formas de governo. O Parágrafo 175 da era imperial prussiana, de 15 de maio de 1871, vigorou quase intacto durante todo o século XX, perpassando o declínio e o fim do império alemão, a proclamação da República, a democracia weimariana, a ditadura nazista, a Alemanha rachada entre o bloco soviético (os comunistas) e o bloco estadunidense (os capitalistas), a nova Alemanha reunificada em outubro de 1990 após a Guerra Fria e, por fim, sob o comando do presidente de origem protestante Roman Herzog quando o dispositivo de lei anti-homossexuais finalmente caiu por completo em 11 de junho de 1994 (Gonçalves, 2022, p. 41-42).

Nessa conjuntura histórica, a homossexualidade encarnou-se na figura de um fantasma para o Reich nazista, um incômodo que, apesar de todos os esforços truculentos, não desapareceu. Edward Ross Dickinson (2007) evidencia que a perseguição aos homossexuais na Alemanha deu um salto exponencial durante a era nazista e só foi após a revogação parcial do Parágrafo 175 em 1969, na Alemanha Ocidental, que a situação vertiginosamente começou a declinar. Segundo Frank McDonough (2016, p. 174-175), “entre 1936 e 1935, com o uso da antiga lei 175, 4 mil homens foram sentenciados. Entre 1936 e 1939, com o uso da nova lei mais abrangente, quase 30 mil homens foram considerados culpados”. Os relatórios da Gestapo são reveladores nesse sentido, a maioria dos homossexuais que caíram sob o Parágrafo 175 tinham entre 18 e 25 anos de idade e provinham das mais diversas camadas sociais (McDonough, 2016, p. 175).

Apesar dos registros oficiais, testemunhos de sobreviventes e de uma historiografia preocupada com as dissidências sexuais e de gênero, a história dos homossexuais em relação ao nazismo permanece incompleta. Parte da documentação foi destruída pelos próprios nazistas ao passo em que perdiam a guerra. Nem mesmo a estimativa dos que foram vítimas diretas do Reich hitlerista pelo crime da homossexualidade é totalmente confiável. Contudo, as pesquisas atuais apontam que pelo menos 100.000 homens passaram pelo sistema de justiça criminal nazista. Metade deles foi condenado à prisão. Entre 5.000 e 10.000, enviados aos campos de concentração marcados com o triângulo rosa (Schlagdenhauffen, 2018, p. 21), símbolo final da homofobia que fez sucumbir os homens que se atreveram a amar outros homens.

Considerações finais

Isherwood fugiu de Berlim com seu companheiro Heinz Neddermeyer, um cidadão alemão, em 13 de maio de 1933. 103 dias após a ascensão dos nazistas ao poder, em 30 de janeiro daquele ano, quando Hitler tornou-se chanceler. Essa partida foi resultado direto da perseguição aos homens homossexuais que, no imediato da chegada ao poder, foi radicalizada pelos fascistas. As instituições médico-científicas, associações políticas, editoras, jornais, bares, cabarés, restaurantes e demais centros de sociabilidade homossexuais foram atacados, fechados e banidos. Assim, para Isherwood, tinha sido definitivamente interrompido um tempo de experiência do livre exercício sexual dissidente germânico.

Não bastasse isso, Heinz foi interceptado pela Gestapo em 12 de maio de 1936, após ser obrigado a retornar ao país. Preso por ter desertado das obrigações militares, mas, principalmente, pela acusação de homossexualidade. Foi julgado, condenado e deportado aos campos de concentração para cumprir sua pena de trabalho forçado. Somente muitos anos depois do fim da guerra e da desnazificação, Isherwood e Heinz se reencontraram na Alemanha. À época, Heinz era casado com uma mulher, era pai de uma criança e vivia um relacionamento feliz.

Sob o prisma de um método histórico interdisciplinar, ancorado na história social e cultural da sexualidade, articulando literatura, direito, política e memória, há uma mobilização de sentidos e interpretações para compreender como a experiência da homossexualidade masculina na Berlim weimariana foi construída. O comércio sexual masculino evidencia-se não apenas como prática econômica, mas também como parte significativa da experiência identitária de emancipação e exercício sexual, sendo instrumento de sociabilidade e categoria de visibilidade pública – independente se é positiva ou negativa – dos homens homossexuais.

O escândalo político por razões sexuais, por sua vez, não foi uma novidade alemã no século XX, mas um exemplo entre tantos modelos que surgiram entre a passagem do século XIX para o século XX no contexto europeu. Especificamente no caso alemão, revelou como a vida sexual foi uma preocupação pulsante por décadas, independente das lideranças políticas e dos regimes que comandaram o país. Contudo, a tentativa de adequação em homogeneizar a sexualidade para um destino biológico, a compulsória reprodução, foi uma inquietação expressiva para o Terceiro Reich. Em contrapartida, toda manifestação de sexualidade que

desviasse desse plano deveria ser prontamente erradicada. Portanto, as questões sexuais tiveram relevância na culminação da queda da República de Weimar e da ascensão nazista ao poder.

A obra de Isherwood é relevante, entre outros aspectos, porque suscita questionamentos pertinentes sobre como a sexualidade desviante interferiu nos rumos sociais, políticos e culturais da Alemanha durante as primeiras décadas do século XX. Nesse sentido, a análise textual isherwoodiana reposiciona o seu autor no centro da configuração de uma fonte histórica. Quando Isherwood escreve, se reivindica como agente do processo histórico, como sujeito que operou e que buscou problematizar a experiência do passado.

Os dispositivos jurídicos apresentados ao longo do texto, mostram como eles foram instrumentalizados para a execução da exclusão social, a obstrução da reforma sexual legal e a criminalização a partir de uma lógica moralizante tradicional e conservadora sobre os homossexuais e os prostitutos, apontando como o Estado alemão impôs normas e perseguições no intuito de não somente controlar os homossexuais, mas banir suas práticas e, posteriormente, suas existências do mundo germânico.

O processo histórico de marginalização da identidade homossexual entre a prostituição e o escândalo político sustenta-se, portanto, nesses dispositivos legais e nas demais retóricas discriminatórias, patológicas e criminais pré-existentes na sociedade, na psiquiatria, no sistema jurídico-penal e no parlamento. O resultado disso foi o enfraquecimento e a demolição progressivas dos esforços conferidos por ativistas da causa de emancipação homossexual. A obsessão conservadora da vigilância do corpo, do gênero e do sexo, levou o país a mobilizar e criar aparelhos de repressão no sentido de uniformizar as expressões subjetivas da sexualidade.

Isherwood foi um observador *in loco* dessa degradação da civilização. Nesse sentido, sua produção literária é também um compilado de fragmentos testemunhais. Uma documentação importante para entender a maneira como os homossexuais perceberam e lidaram com a transformação da sociedade entre a falida democracia liberal weimariana e a consolidação de uma ditadura que não somente suprimiu direitos individuais, como igualmente empenhou-se em segregar e aniquilar aqueles que pela lógica nazista não deveriam ter direitos.

Referências

- ALEMANHA, **Parágrafo 175, 15 de maio de 1871a**. Regula os crimes contra a autodeterminação sexual. Berlim. Disponível em: <https://lexetius.com/StGB/175.7> Acesso em: 31 mar. 2025.
- ALEMANHA. **Parágrafo 176, 15 de maio de 1871b**. Regula o crime de abuso sexual de menor. Berlim. Disponível em: <https://lexetius.com/StGB/176> Acesso em: 31 mar. 2025.
- ALEMANHA. **Parágrafo 361, 1 de janeiro de 1872, Seção Seis**. Regula o crime de fornicação profissional. Berlim. Disponível em: <https://lexetius.com/StGB/361.14> Acesso em: 5 mai. 2025.
- BARRETO, Victor Hugo de Souza. Quando a pesquisa é o problema: o tabu no estudo das práticas sexuais. In: **Cadernos de campo (São Paulo - 1991)**, São Paulo, Brasil, v. 26, n. 1, p. 270-293, 2018. DOI: 10.11606/issn.2316-9133.v26i1p270-293. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/cadernosdecampo/article/view/138577> Acesso em: 9 mai. 2025.
- BEACHY, Robert. **Gay Berlin: Birthplace of a Modern Identity**. New York: Vintage Books, 2015.
- DICKINSON, Edward Ross. **Policing Sex in Germany, 1882-1982: A Preliminary Statistical Analysis**. *Journal of the History of Sexuality*, vol. 16, nº 2, 2007, p. 204-250. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/30114233> Acesso em: 31 mar. 2025.
- DUARTE, Luiz Fernando Dias. *A Psychopathia sexualis de Krafft-Ebing*, ou o progresso moral pela ciência das perversões. In: **Cadernos do IMS**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1988.
- FRIEDRICH, Otto. **Antes do dilúvio: um retrato da Berlim dos anos 20**. Trad. Valéria Rodrigues. Rio de Janeiro: Record, 1997.
- GONÇALVES, Mateus Henrique Siqueira. **Trauma e memória na escrita da catástrofe das vítimas homossexuais do nazismo: os casos de Pierre Seel e Rudolf Brazda (1994-2010)**. 2022. Dissertação (Mestrado em História) - Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Brasília (PPGHIS-UnB), Brasília, 2022.
- GORDON, Mel. **Voluptuous Panic: The Erotic World of Weimar Berlin**. *Expanded Edition*. Los Angeles: Feral House, 2006.
- GRAND-CARTERET, John; STEAKLEY, James. *Derrière "lui": L'homosexualité en Allemagne – Suivi de Iconographie d'un Scandale*. Lille: Question de Genre/GKC, 1992.
- HARRIS, Victoria. **Selling Sex in the Reich: Prostitutes in German Society, 1914-1945**. Oxford: Oxford University Press, 2010.
- ISHERWOOD, Christopher. **Adeus a Berlim**. Trad. Geraldo Galvão Ferraz. São Paulo: Circulo do Livro, 1989.
- ISHERWOOD, Christopher. *Christopher and His Kind*. New York: Farrar, Straus and Giroux, 2015.
- KERSHAW, Ian. **Hitler**. Trad. Pedro Maia Soares. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

LONGERICH, Peter. **Heinrich Himmler**: uma biografia. Trad. Angelika Elisabeth Köhnke, Christine Röhrig, Gabriele Ella Elisabeth Lipkau, Margit Sandra Bugs. 1ª ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.

LONGERICH, Peter. **Joseph Goebbels**: uma biografia. Trad. Luiz A. de Araújo. 1ª ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.

MARHOEFER, Laurie. ***Sex and the Weimar Republic: German Homosexual Emancipation and the Rise of the Nazis***. Toronto, Buffalo and London: University of Toronto Press, 2015.

MCDONOUGH, Frank. **Gestapo**. Trad. Luiz Antonio Oliveira de Araújo. São Paulo: LeYa, 2016.

MOMMSEN, Wolfgang J. ***War der Kaiser an allem schuld? Wilhelm II. und die preußisch-deutschen Machteliten***. Berlin: Propyläen Verlag, 2002.

PARKER, Peter. ***Isherwood: A Life***. London: Picador, 2004.

PLANT, Richard. ***The Pink Triangle: The Nazi War Against Homosexuals***. New York: A New Republic Book; Henry Holt and Company, 1986.

SCHLAGDENHAUFFEN, Régis (Ed.). ***Queer in Europe during the Second World War***. Strasbourg: Council of Europe, 2018.

SETTERINGTON, Ken. **Marcados pelo triângulo rosa**. Trad. Sandra Pina. São Paulo: Editora Melhoramentos, 2017.

STEAKLEY, James D. *Iconography of a Scandal: Political Cartoons and the Eulenburg Affair in Wilhelmine Germany*. In: DUBERMAN, Martin; VICINUS, Martha; CHAUNCEY, George (Eds.). ***Hidden from History: Reclaiming the Gay and Lesbian Past***. New York: Penguin Books, 1991.

TAMAGNE, Florence. ***A History of Homosexuality in Europe***. Berlin, London, Paris 1919-1939. Volume I & II. New York: Algora Publishing, 2003.